

## Celebração Eucarística de Entrada na Diocese de Viana do Castelo

Viana do Castelo, 28 Nov. 2021

### Homilia

«Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos» (Fil. 4,4). É com estas mesmas palavras com que S. Paulo se dirige aos cristãos de Filipos, que eu, hoje, quero dirigir-me a vós, caros diocesanos de Viana do Castelo. Neste primeiro domingo do Advento que nos projecta no Natal de Jesus de Nazaré e no qual inicio o meu serviço pastoral nesta belíssima e jovem diocese, exorto-vos a vós e a mim próprio a percorrermos o itinerário que nos levam até às fontes da alegria que não poderão ser outras que Jesus de Nazaré que nos revela todo o mistério do amor de Deus e a Sua ternura.

Aprendemos de Jesus Cristo, na comunhão com Ele, a saborear a verdadeira alegria que ninguém nem circunstância alguma nos poderá tirar porque Ele a dá não como o mundo a dá (cfr. Jo.14, 27).

Eis-me enviado para aprender convosco, para caminhar convosco, para servir o Povo Santo desta diocese.

Esta é a hora de nos lançarmos numa renovada experiência de encontro com Jesus de Nazaré, Ressuscitado, vivo, encarnado no meio do mundo de hoje para surpreendentemente nos fascinarmos pela Sua presença, pelo Seu chamamento e pelo Seu envio.

Como afirma o Santo Padre, o Papa Francisco, «a Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus» (EG, 1). Uso as suas palavras para também eu apelar a todos vós: «convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar» (EG, 3).

E, como a alegria que brota do encontro com Cristo tende a expandir-se, sejamos arautos da alegria e da esperança neste mundo concreto no qual vivemos e convivemos.

A alegria contagia e possui uma transcendente maneira de se comunicar.

Esta é a hora de uma nova etapa de evangelização. O Papa S. João Paulo II denominou-a de nova evangelização, o Papa Francisco designou-a como testemunhas da alegria do Evangelho e o Papa S. Paulo VI exortou à Evangelização como a missão única da Igreja afirmando que «evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade» (EN, 14). Aliás, «ela existe para evangelizar» (EN, 14).

Na verdade, «evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade» (EN, 18). Deste modo, «a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios» (EN, 18).

É nesta aliciente e complexa tarefa que todos os batizados são chamados e enviados. Somos um Povo de Deus missionário em todos os seus membros.

Esta exigência que por diversas vezes nos é colocada pelo Papa Francisco, em sintonia com a doutrina Conciliar do Vaticano II, é renovada e reforçada pelo convite à caminhada sinodal, apelando a uma Igreja que promove a comunhão, reforça a participação e se sente toda ela enviada em missão.

Como afirma o Concílio Vaticano II, «para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas»

(GS, 4). Deste modo, é «necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático» (GS, 4).

É na cultura actual e na sociedade da qual fazemos parte que nos deparamos com os Sinais dos Tempos que nos interpelam e exigem o discernimento e a nossa actuação evangélica.

A missão evangelizadora da Igreja que toca a cada baptizado exige a formação cristã capaz de capacitar os cristãos para a sua vivência comunitária alicerçada na celebração da Eucaristia e a partir dela saber estabelecer um diálogo sereno, convicto e frutuoso com o mundo actual.

A todos vós que vos entregais à causa pública humanizando a cultura, promovendo a dignidade humana e o bem comum e gerando relações fraternas de justiça, de paz e de fraternidade, quero oferecer o serviço oportuno e colaborante da Igreja. De igual modo, a todos vós que vos interrogais sobre o sentido da vida, que vos inquietais com as condições do mundo actual e estais desejosos de um mundo novo, partilhai connosco das vossas preocupações e perplexidades e caminhemos em conjunto na edificação de uma nova humanidade.

Com o mesmo propósito de escuta e diálogo sentimo-nos irmanados com aqueles que pertencem a outras famílias religiosas. Numa atitude ecuménica e interconfessional queremos caminhar em conjunto.

A evangelização coloca a Igreja ao serviço da pessoa e da sociedade cujo palco é o mundo concreto em que se vive. É o mundo familiar, profissional, associativo, de serviço público, cultural e político a exigir de todos os cristãos, pessoal e de forma associada, a presença renovadora do Evangelho.

A Igreja presente no mundo terá de se empenhar na verdadeira ecologia ou ecologia integral. A sua preocupação com a criação, partilhada com diversos sectores da sociedade, deve levar o cunho próprio que advém de uma autêntica teologia da criação e que se traduz em comportamentos de ascese, de austeridade, de defesa de recursos e de simplicidade. De facto, «o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de

um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar» (LS, 13).

A vós os excluídos e marginalizados que sentis a vossa dignidade amordaçada, gritai-nos, tal como tantos fizeram tantos homens e mulheres á beira do caminho por onde passava Jesus de Nazaré, despertai a nossa consciência tantas vezes adormecida e ensinai-nos os caminhos que nos levam a ser uma única humanidade, fraterna, despojada e aberta para a partilha. Urge mudar os nossos paradigmas económicos que só se corrigirão se colocarem a pessoa humana no centro das decisões e cujos projectos partam da primazia a dar aos pobres e excluídos.

Dirijo-me a vós jovens. Estamos convosco a prepara um grande evento, as Jornadas Mundiais da Juventude Lisboa/2023. Vós sois, não só futuro da sociedade e da Igreja, mas sois já o seu presente. Convido-vos a integrardes as comunidades cristãs e a dar-lhes a força e o vigor, a renovação e a alegria que brotam do vosso entusiasmo e dinamismo do encontro com Jesus Cristo que vos envolve no Seu amor e conta convosco como seus aliados para renovar a Igreja e o mundo de hoje.

Aproveitai esta oportunidade, tão rica, de preparação das Jornadas Mundiais para abraçardes os jovens da vossa convivência e em conjunto experienciarem o encanto do encontro com Jesus de Nazaré.

Para vós famílias, vai o mesmo apelo que ressoa nas palavras do Papa Francisco ao dizer que «a alegria do amor que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja» (AL, 1). Aliás, «apesar dos numerosos sinais de crise no matrimónio, (...) o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens, e isto incentiva a Igreja» (AL, 1). Assim, «como resposta a este anseio, o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia» (AL, 1).

Estamos conscientes do drama que vivem muitas das nossas famílias e não podemos deixar de cuidar pastoralmente da família, oferecendo a Boa Notícia do Amor familiar, de acompanhar o matrimónio e a família, em todas as suas etapas, de acolher e discernir sobre as

fragilidades familiares e dar o lugar que lhes compete na evangelização da família para a família e na comunidade cristã.

Toda a vida pastoral, na paróquia, nos diversos movimentos, instituições e nas famílias cristãs, deve tender para o encontro com Cristo e nele para a descoberta da vocação de cada um dos batizados. Convido todos os agentes da vida pastoral a colocarem como permanente objectivo de todas as suas acções o encontro de cada criança e jovem com Jesus Cristo e proporcionar -lhes a experiência apaixonante que leva ao desejo de seguir a Cristo entregando-lhe a sua vida ao serviço da Igreja e na evangelização do mundo.

É na alegria e na esperança que vamos percorrer os caminhos que edificam comunidades de rosto sinodal, nas quais todos os batizados participam activamente na vida e na missão da Igreja. Neste sentido, é-nos exigido a promoção de todos os serviços e ministérios que o Espírito desperta na comunidade cristã em ordem à vivência da comunhão, alicerçada na Eucaristia, e à resposta na missão evangelizadora.

A vós sacerdotes, quero deixar uma palavra muito amiga e de estímulo. A nós pertence, pelo ministério que nos foi confiado, a primeira responsabilidade na edificação de comunidades cristãs, a vivermos a alegria e a esperança, a renovarmos a nossa atitude pastoral de modo a caminharmos com todo o Povo de Deus e a sermos as primeiras testemunhas de Jesus Cristo que veio para servir e não para ser servido. Somos presbitério que vive na comunhão, cresce na unidade e se exprime na fraternidade autêntica.

A vós consagrados e consagradas, exorto a oferecerdes à cultura de hoje o vosso testemunho de vivência dos conselhos evangélicos como prova da verdadeira liberdade alicerçada no amor a Deus e aos irmãos.

A vós leigos que dedicais o vosso esforço na evangelização dos diversos sectores da comunidade cristã e do mundo, convido a renovardes o vosso compromisso com Cristo e com a Igreja para testemunhardes a Boa Notícia de Jesus de Nazaré no mundo.

Como diz o Papa Francisco estamos numa mudança de época que acarreta dificuldades mas também inúmeras possibilidades na tarefa da

evangelização. Algo de novo está a surgir, não o vedes? Assim o pressentiu Isaias (cfr.Is. 43,19), assim nós estejamos despertos para a novidade de Deus.

Termino implorando de Nossa Senhora, Santa Maria Maior e dos Santos Bartolomeu dos Mártires e Paulo VI as suas bênçãos e graças para todos os diocesanos, as famílias, crianças, jovens e idosos, para os doentes e excluídos, emigrados e todos os que sofrem de qualquer mal, para todos os que se entregam à causa pública e a assistir os mais desprotegidos, e nos conduzam pelos caminhos da evangelização do mundo de hoje.

Âmen.

+João Lavrador, Bispo de Viana do Castelo